

TRADUÇÃO

A MEMÓRIA

(CÍCERO. DO ORADOR 2. 351–60)

ADRIANO SCATOLIN¹

Universidade de São Paulo

Mas, tornando ao assunto [...],² não tenho tanto talento quanto Temístocles, a ponto de preferir a arte do esquecimento à da memória,³ e sou grato ao famoso Simônides de Ceos,⁴ que, segundo dizem, foi o primeiro a

* Artigo recebido em 9.jun.2014 e aceito para publicação em 7.jul.2014.

¹ Bolsista da CAPES (2012/2013) – Proc. nº 9121/11-0. Este trabalho vincula-se ao estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Paris-Sorbonne – Paris IV, sob a supervisão de Carlos Lévy.

² É o personagem Antônio quem tem a palavra no diálogo, neste momento.

³ Em 2, 299-300, Antônio mencionara uma anedota sobre Temístocles e sua alegada memória prodigiosa: “Conta-se entre os gregos, por exemplo, que Temístocles, o célebre ateniense, era dotado de enorme discernimento e inteligência. Dizem que um homem douto e particularmente erudito dirigiu-se a ele e prometeu que lhe ensinaria a arte da memória, que então era divulgada pela primeira vez. Quando Temístocles perguntou o que aquela arte era capaz de realizar, o mestre lhe respondeu que ela o tornaria capaz de se lembrar de tudo. Temístocles lhe teria respondido que ficaria mais grato se ela o ensinasse a esquecer o que quisesse do que a lembrar. Vocês percebem que inteligência vigorosa e penetrante tinha esse homem, como sua mente era poderosa e vasta? Ele deu tal resposta para que pudéssemos compreender que nada, uma vez penetrado em sua mente, poderia alguma vez perder-se, sendo-lhe preferível poder esquecer o que não queria lembrar a lembrar o que tinha ouvido ou visto uma única vez.”

⁴ Simônides de Ceos (c. 532/529-468/465), poeta lírico, elegíaco, de epigramas, entre outros gêneros. Segundo Quintiliano (11, 2, 14), Cícero estaria seguindo a tradição de Calímaco (ou do “calimaquiiano Apolas”, segundo a correção sugerida por Schneider), que chegou até nós no fr. 64 do poeta (em tradução inédita de Alexandre Agnolon):

Nem Camarina – mau tamanho! – tanto aterra
Quanto de um homem pio a tumba revolver:
Pois meu sepulcro, certa vez, que em Agrigento
Os cidadãos, por Zeus, ergueram, reduziu-o
A pó um tipo mau; o conheces talvez:
É Fênix, mandachuva tenaz da Cidade.
Minha campa na torre ergueu, mas a inscrição
Desprezou: ‘aqui jaz o filho de Leoprepes,
Divo homem de Ceos que prodigiosas coisas
Descobriu, e a Memória bem antes de todos.’
Dióscuros, por vós não cedeu! Nem por vós!
Que do teto fatal me salvastes a vida,
Da minha tão só, quando o palácio de Crânon
Ruiu sobre a cabeça do afamado Escopas.

inventar uma arte da memória.⁵ [352] De fato, dizem que, durante um banquete em Cránon, na Tessália, na casa de Escopas, um nobre rico,⁶ depois que Simônides cantou a ode que compusera em sua homenagem, na qual, segundo o costume dos poetas, havia muitas partes em homenagem a Castor e Pólux com vistas à ornamentação, Escopas, com absoluta baixeza, disse que pagaria a Simônides a metade do combinado pela ode; quanto ao restante, se quisesse, deveria pedi-lo a seus Tindáridas,⁷ a quem louvara tanto quanto a ele. [353] Dizem que, pouco depois, pediram a Simônides que fosse até a porta, pois havia ali dois jovens chamando-o insistentemente.⁸ Ele se ergueu, foi até a porta, não viu ninguém. Enquanto isso, nesse exato momento, o teto da sala em que Escopas se banqueteara veio abaixo. Esse desabamento o matou, esmagando-o junto com seus parentes. Quando seus familiares quiseram sepultá-los e não conseguiram de forma alguma reconhecê-los em virtude do esmagamento, diz-se que Simônides, por se lembrar do lugar em que estavam reclinados, identificou cada um para o sepultamento. Conta-se que foi isso o que o fez descobrir, naquele momento, que é sobretudo a ordem que traz luz à memória.⁹ [354] Assim, aqueles que exercitam esta parte de sua natureza devem escolher lugares, figurar na mente aquilo que querem guardar na memória e colocá-lo em tais lugares.¹⁰ Desse modo, a ordem dos lugares conservará a ordem das coisas, ao passo

⁵ Quintiliano (11, 2, 11-16) relata a mesma lenda acerca das origens da mnemotécnica.

⁶ Segundo Quintiliano (11, 2, 14), os autores disputavam os detalhes da lenda: para Apolodoro, Eratóstenes, Euforíão e Eurípilo de Larissa, o banquete teria acontecido em Farsalo; para Calímaco, como apontado acima, ou para o “calimaquiano” Apolas, em Cránon. Ademais, disputava-se também o nome do homenageado na ode: além de Escopas, outras possibilidades eram Glauco de Caristo, Leócrates e Agatarco.

⁷ Castor e Pólux, segundo uma das versões do mito, eram filhos de Tíndaro. É essa versão que se encontra em Homero (*Od.* 11.298–304, tradução de Frederico Lourenço):

Vi depois Leda, a esposa de Tíndaro,
que a Tíndaro deu dois filhos de ânimo rijo,
Castor, o domador de cavalos, e Pólux, o pugilista.
A terra que dá vida cobre-os, embora estejam vivos:
pois mesmo no mundo subterrâneo recebem honras de Zeus,
vivendo e morrendo em dias alternados.
Assim uma honra receberam igual à dos deuses.

⁸ Quintiliano (11, 2, 12) acrescenta o detalhe de que os dois jovens estavam a cavalo (*duo iuvenes equis aduecti*).

⁹ Quintiliano (11, 2, 17) tira da lenda uma conclusão semelhante, embora sem mencionar a ordem, mas os lugares: “Esse feito de Simônides parece ter mostrado que a memória é ajudada por lugares gravados na mente, algo em que qualquer um acreditará por experiência própria”.

¹⁰ A *Retórica a Herênio* fornece definições e exemplos dos lugares e das imagens mentais que constituem a memória artificial (3, 29): “A memória constitui-se de lugares e imagens. Chamo lugar aquilo que foi encerrado pelo homem ou pela natureza num espaço pequeno inteira e distintamente, de modo que possamos facilmente percebê-lo e abarcá-lo com a memória natural: como uma casa, um vão entre colunas, um canto, um arco e coisas semelhantes. Já as imagens são determinadas formas, marcas ou simulacros das coisas que desejamos lembrar. Por exemplo, se queremos guardar na memória um cavalo, um leão ou uma águia, será preciso dispor suas

que a representação das coisas indicará as próprias coisas, e usaremos os lugares como a cera, as imagens, como as letras.¹¹ [355] Preciso dizer qual é a vantagem da memória para o orador, como é grande a sua utilidade, como é grande a sua força? Reter o que nos foi informado ao assumirmos a causa, o que nós mesmos refletimos? Todos os pensamentos estarem fixos na mente? Todo o aparato das palavras estar inteiramente classificado? De tal forma ouvir a fonte de nossas informações ou aquele a quem devemos responder, que não pareçam derramar seu discurso sobre nossos ouvidos, mas gravá-los em nossa mente? Dessa forma, apenas os que têm uma memória poderosa sabem o que, quanto e como falarão, o que já responderam, o que ainda falta responder; e lembram de muitos elementos que já trataram em outras causas, de muitos outros que ouviram em causas alheias.¹² [356] Por isso, reconheço, de minha parte, que o principal fator deste bem é a natureza, tal como de tudo de que falei anteriormente. Mas toda esta arte oratória, seja ela uma espécie de imagem ou semelhança de uma arte ou não, tem o poder, não de engendrar e produzir inteiramente algo do qual não há uma parte sequer em nossa natureza, mas de alimentar e consolidar aquilo que já nasceu e foi engendrado em nós.¹³ [357] No entanto, não existe praticamente ninguém dotado de memória tão tenaz que consiga abarcar a ordem das palavras, nomes ou pensamentos sem dispor e marcar as coisas, nem, por outro lado, de memória tão fraca que não possa ser ajudada de alguma forma pela prática desse exercício. De fato, Simônides, ou qualquer outro que o tenha descoberto,¹⁴ teve a sagacidade de perceber o seguinte: a imagem que se forma em nossas mentes é sobretudo aquela que é transmitida e impressa pelos sentidos; o mais aguçado de todos os nossos sentidos é o

imagens em lugares determinados.” (todas as traduções da *Retórica a Herênio* são tomadas à edição de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).

¹¹ Comparação semelhante em *Retórica a Herênio* 3, 30: “Os lugares assemelham-se muito a tábuas de cera ou rolos de papiro; as imagens, a letras; a disposição e colocação das imagens, à escrita; a pronúnciação, à leitura.”

¹² A lista de vantagens da memória para o orador é um pouco diferente em Quintiliano (11, 2, 1), complementando o relato de Antônio: “[...] essa mesma capacidade [sc. a memória] apresenta como que certos estoques de exemplos, leis, pareceres legais, máximas, fatos, enfim, que o orador deve possuir em abundância e ter sempre à mão [...]”.

¹³ Ideia análoga em *Retórica a Herênio* 3, 28-29: “Porém, como em tudo mais, é frequente a aptidão do engenho imitar a doutrina, e a arte, por sua vez, fortalecer e aumentar a comodidade natural. 29. Assim acontece aqui: às vezes a memória natural, se alguém a tem excelente, é semelhante à artificial, que, por sua vez, conserva e amplia a comodidade natural com um método de ensino”; e em Quintiliano (11, 2, 1): “Alguns consideraram que a memória é apenas um dom da natureza, e não há dúvida que é sobretudo nesta que ela reside. Porém, como tudo mais, a memória aumenta quando a cultivamos”.

¹⁴ Quintiliano (11, 2, 16) revela-se cético tanto em relação ao relato como um todo, como em relação à atribuição a Simônides da paternidade da arte mnemônica: “No entanto, todo o relato acerca dos Tindáridas parece-me lendário, e o próprio poeta [sc. Simônides] jamais faz menção ao fato, ele que jamais se calaria acerca de uma glória tamanha”.

da visão; por isso, pode ser retido na mente com mais facilidade aquilo que, além de percebido pelos ouvidos e pela reflexão, também for transmitido à mente por intermédio dos olhos. Dessa maneira, uma espécie de formação de uma imagem visual assinala de tal maneira coisas obscuras e alheias à percepção visual, que poderíamos, por assim dizer, reter pela visão aquilo que mal conseguimos abarcar pelo pensamento. [358] Essas formas e corpos, tal como tudo que cai no domínio da visão, precisam de uma sede, porque um corpo não pode ser percebido sem um lugar. Por isso, não querendo ser prolixo e excessivo num assunto tão conhecido e banal,¹⁵ devemos usar lugares variados, iluminados, claros, separados por pequenos intervalos, e imagens expressivas, vívidas, distintas, que possam nos ocorrer rápido e penetrar fundo na mente.¹⁶ Tal capacidade será fornecida pelo exercício, donde nasce o hábito, o mesmo ocorrendo com a representação de palavras semelhantes pela mudança e flexão de caso ou pela transferência de sentido da espécie para o gênero,¹⁷ e com a figuração de todo um pensamento pela imagem de uma única palavra, segundo o método e o modo de um grande pintor, que confere distinção aos lugares pela variação das formas.

[359] Mas a memória das palavras, que não é tão necessária para nós, distingue-se por uma maior variedade de imagens. De fato, há muitas palavras que, como articulações, ligam os membros do discurso e que não podem ser representadas por nenhuma analogia.¹⁸ Devemos forjar imagens delas para uso constante. A memória das coisas é própria do orador. Podemos distingui-la pela correta disposição de cada máscara, abarcando assim os pensamentos pelas imagens, a ordem, pelos lugares. [360] E não é verdade, como dizem os ignorantes, que a memória fica sobrecarregada pelo peso das imagens e que mesmo aquilo que a natureza poderia reter por si mesma, acaba obscurecido.¹⁹ De fato, pude ver pessoalmente homens eminentes e de memória quase divina: em Atenas, Cármas, na Ásia, Me-

¹⁵ Crítica sutil aos rétores que, como o autor da *Retórica a Herênio*, detinham-se longamente nos detalhes e nos exemplos dos lugares e das imagens.

¹⁶ A *Retórica a Herênio* caracteriza longamente os lugares, em 3, 30-32; Quintiliano (11, 2, 18) é mais breve do que o *Auctor* e do que Antônio: “[sc. Os estudantes] aprendem os lugares mais amplos possível, marcados por uma grande variedade – uma casa grande, talvez, e dividida em muitas salas apartadas. Nela, gravam com cuidado, na mente, tudo quanto há de memorável, para que o pensamento possa percorrer todas as suas partes sem hesitação ou demora.”

¹⁷ Ou seja, em jargão técnico, que é sistematicamente evitado pelas personagens do *De oratore*, a metonímia de gênero pela espécie.

¹⁸ As conjunções, por exemplo, como observa Quintiliano (11, 2, 25), que concorda com Antônio, por sinal, no que respeita à menor importância da memória das palavras em comparação com a das coisas (11, 2, 23-26). A mesma ideia encontra-se em *Retórica a Herênio* (3, 39).

¹⁹ Quintiliano (11, 2, 27) defende ideia semelhante à criticada aqui por Antônio: “a memória sofre sobretudo quando sobrecarregada”.

trodoro de Cépsis (dizem que ele ainda está vivo).²⁰ Os dois diziam gravar com imagens, nos lugares escolhidos, aquilo de que queriam se lembrar, como se escrevessem com letras na cera. Por isso, se não há uma memória natural, não se pode arrancá-la à força. Mas, se ela está dormente, é preciso acordá-la.²¹

REFERÊNCIAS

- Iso, J. J., ed. 2002. *Cicéron. Sobre el orador*. Madrid: Gredos.
- Kumaniecki, K. F., ed. 1969. *M. Tulli Ciceronis Scripta quae manserunt omnia. Fasc. 3 De oratore*. Leipzig: Teubner.
- Leeman, A. D., Pinkster, H. & Nelson, H. L. W. M. 1985. *Tullius Cicero. De oratore libri III Kommentar*, vol. 2. Heidelberg: Carl Winter.
- May, J. M. & Wisse, J., ed. 2001. *Cicero. On the Ideal Orator*. New York & Oxford: Oxford University Press.
- Merklin, H., ed. 2006. *Cicero. Über den Redner*. Stuttgart: Reklam.
- Nüßlein, Th., ed. 2007. *Cicero. Über den Redner*. Düsseldorf: Artemis & Winkler.

²⁰ Cármasas (c. 165-91 a.C.), filósofo acadêmico do período helenístico, citado em outras passagens importantes do *De oratore*, notadamente nas referências aos debates entre filósofos e rétores, no livro 1; Metrodoro (c. 140-71 a.C.), rétor (?) acadêmico (?) de Cépsis, na Ásia Menor. Quintiliano, citando *De oratore* 3, 358, faz menção a seu esquema mnemônico, que contemplaria 360 lugares (ou seja, um para cada grau) nos doze signos do Zodíaco: “devemos usar lugares variados, iluminados, claros, separados por pequenos intervalos, e imagens expressivas, vívidas, distintas, que possam nos ocorrer rápido e penetrar fundo na mente”. Isso me deixa ainda mais curioso por saber como foi que Metrodoro encontrou trezentos e sessenta lugares nos doze signos percorridos pelo sol”. Em *Tusculanas*, 1, 59, Cícero menciona, juntamente com Cármasas e Metrodoro, outros homens dotados de grande memória: Simônides (o mesmo do passo do *De oratore*), Teodectes, Cíneas e Hortênsio.

²¹ O tradutor agradece a colaboração e as sugestões de revisão de Marlene Lessa Vergílio Borges. Todas as referências de autores e datas foram tomadas a *Brill's New Pauly, The Oxford Classical Dictionary* e *The Oxford Dictionary of the Classical World*.